

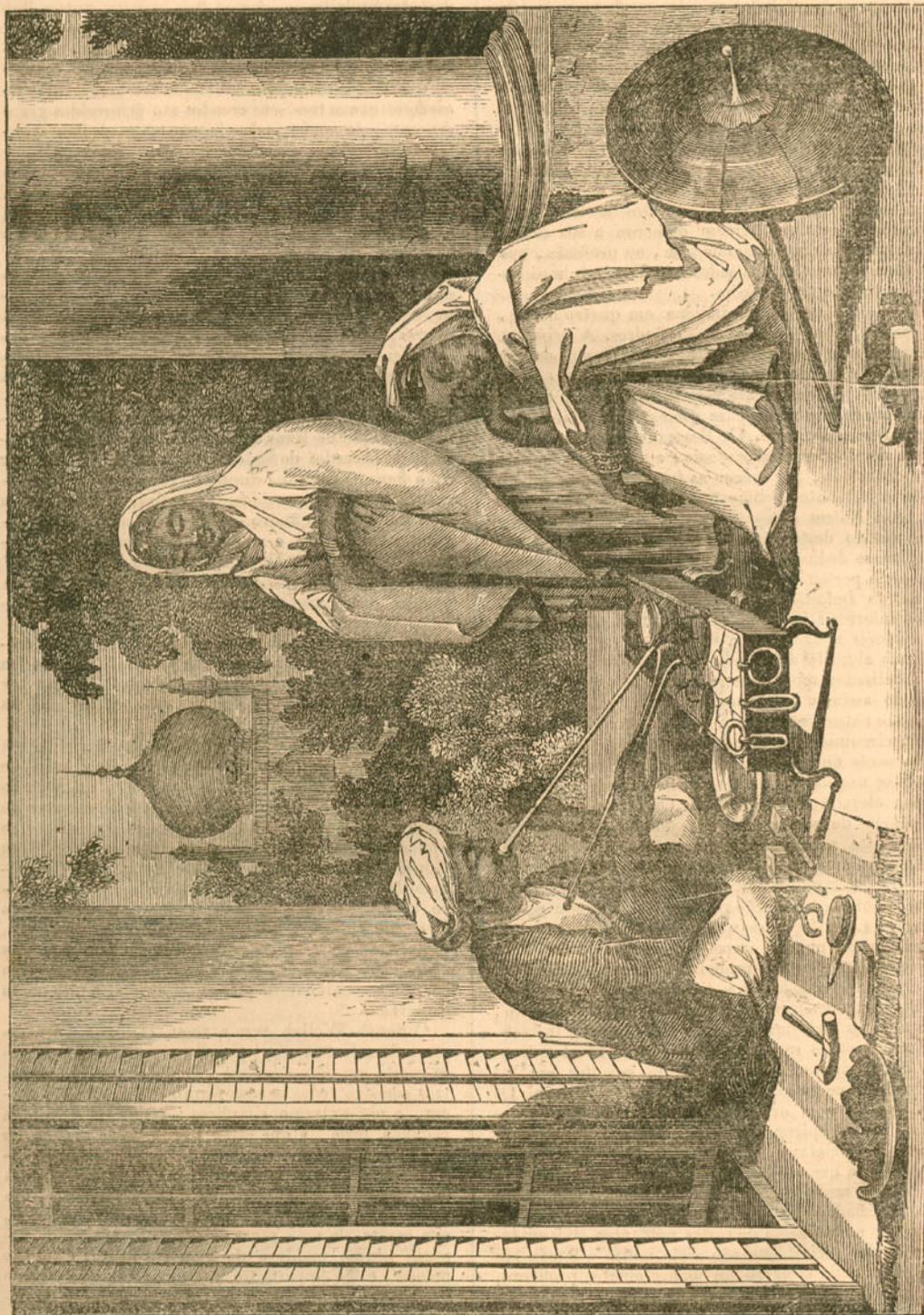
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

MAIO 13, 1837.



O OURIVES AMBULANTE DA INDIA.

SONAH WALLAH.

As occupações dos Indios dependem da sua casta, que é um dos mais poderosos instrumentos sempre empregado em regular a condição social de uma população de perto de cem milhões d'almas. Todos os officios na India são abandonados aos Sudros, que formam a mais baixa e a mais numerosa das quatro grandes divisões integrantes do povo. O Shastra prohibe o exercicio de todas as artes mechanicas ás tres castas superiores; dando-se a ellas por esse motivo os Sudros, a quem não é prohibido o exercicio de taes misteres, e que nelles proseguem em successão de pais a filhos. Um Indio julgaria não só moralmente adherer ao povo inteiro a este uso convencional, que se descobrem muito raros exemplos de infração. Teem em grande conta os direitos hereditarios, e imaginam que um homem deshonra a sua casta, adoptando qualquer modo de vida, ou profissão, que não fosse por seus antepassados seguida desde mui remota successão de gerações.

Divide-se a população indiana em quatro castas, Bramanes, Naires, Chatins, e Sudros. A primeira dizem os seus livros sagrados que saíu da boca de Brama, a segunda dos braços, a terceira das côxas, e a quarta dos pés. Para esta ultima olham as tres classes superiores como para uma raça ignobil, e por consequencia aviltada. Os Bramanes são exclusivamente destinados ao sacerdocio, e aos cargos legislativos do estado, por serem as funcções mais importantes e influentes, como tambem as mais honorificas. Aos Naires está commettido o executivo; por cujo motivo desta casta o exercito se organisa. Os Chatins se dedicam ao commercio, de forma que a esta casta pertencem alguns dos individuos mais opulentos do Indostão. Aos Sudros são abandonados, como inferiores á dignidade das outras castas, todos os misteres mechanicos e servis.

Estas absurdas distincções teem produzido um effeito paralisador sobre a energia moral do povo, escravizando assim e debilitando os espiritos, e amortecendo os naturaes impulsos da ambição: por isso, estando circumscripta a sua esphera de acção, a multidão sente que está nacionalmente aviltada, conservando-se naquelles grilhões, que a impedem de subir a uma elevada posição moral. Os Bramanes, sob a influencia de seu mortifero sistema, constituem uma classe pela maior parte soberba, ignorante, e sensual; arrogante por causa de sua prodigiosa influencia, tyrannica por excesso de poder, e sensual pela nenhuma restricção, estando facilmente ao seu alcance a satisfação de qualquer tendencia animal. Com effeito, mais os impelle a sua posição social a condescender com as propensões carnaes, do que a cultivar as facultades do entendimento, ao passo que os Sudros, que formam a grande maioria do povo, exceptuados meia duzia delles, que por alguns incidentes condicionaes se ergueram acima do nivel ordinario dos espiritos vulgares, jazem envoltos em tal barbaria, que pouco se avantajam aos selvagens. Os vestigios de uma ordem de intelligencia muito elevada, tão conspicua em toda a India antes da conquista Mahometana, são causa para se deplorar profundamente que o aspecto moral deste bello paiz seja agora tão sombrio, e tão pouco esperançoso. Com tudo confiadamente esperamos; porque nos parece estarmos em vespuras de vastas mudanças civis em toda a fabrica social, que não dista muito o tempo em que se diffunda o clarão dos conhecimentos proficuos, não só pela extensa península do Indostão, mas por toda a terra.

Tão abatida é a condição domestica dos Sudros, que nas institutas de Menu, em que se comprehendem os codigos civis e religiosos das leis indicas, se prohibe aos Bramanes até o dar-lhes conselho espirital, ou informa-los da expiação legal pelos peccados. E' tão desprezada pelos Bramanes esta infima casta dos Indios, que o meio unico de obter delles as graças da sua crença religiosa é prestar-lhes os servicos caseiros mais abjectos: varrem as casas daquelles despotas espirituaes, lavam-lhes os pés, untam-lhes o corpo com azeite, acarretam agua, lenha e terra para os sacrificios do templo, e acompanham os celebrantes durante as fastidiosas ceremonias do seu culto quotidiano: imaginando aquelles arrogantes sacerdotes que os taes seus creados são favorecidos grandemente pela condescendencia, que teem, de lhes apontar deveres, que aos olhos da boa razão seria mais honroso violar do que observar. Está escripto no Shastra, que o Sudro, constantemente empregado em servir a um Bramane, tem vivido meritoriamente; mas tambem é expresso, que todo o que se escusa a esse servico, e menospresa o sacerdocio, será condemnado aos tormentos eternos. "Alguns dos Sudros, diz Mr. Ward, reverenciam os Bramanes como deuses, e o grosso da multidão rude lhes tributa honras externas. Para saudar um Bramane, o Sudro ergue a testa as mãos postas, e inclina compassadamente a cabeça: o Bramane nunca retribue o cumprimento, mas deita ao Sudro uma benção, estendendo um pouco a mão direita, como uma pessoa na acção de levar agua nella. Saudando ao Bramane os peccados do Sudro entram no fogo, que, por uma figura oriental, dizem morar na mão do Bramane, e são consumidos. Se o Bramane estende a mão antes que o Sudro o tenha saudado, abysmar-se-ha na miseria; e se um Sudro encontra o Bramane e o não sauda experimentará igual sorte." Tal é o estado de civil degradação, em que jaz uma população de quasi cem milhões, nesta era de civilização progressiva.

Insistimos mais sobre a condição desta ultima casta, em referencia áquella vasta sociedade de que faz tamanha porção, porque é quasi exclusivamente por ella, que as artes mechanicas são exercitadas na India.

O Sonah Wallah é um artista que trabalha em metaes preciosos, porque *Sonah* significa ouro, e *Wallah* camarada, palavra esta usada em indiano como apposição a muitas designações do caracter ou occupação de diferentes pessoas; e com effeito se applica a toda a classe de gente: por exemplo "um General Inglez, diz o Capitão Luard, é denominado *burrah tope Wallah*, camarada ou companheiro do grande chapeo; os soldados de infantaria do Rey são sempre designados por *loll coatee Wallahs*, camaradas vestidos de encarnado: ha por lá muitos *bhote acha Wallahs*, muito bons camaradas; porém ha muitos mais *burrah charab Wallahs*, muito máos camaradas."

O Sonah Wallah vem a vossa casa por meia rupia [obra de 200 réis] por dia, postoque geralmente cogite em defraudar-vos no tresdobro pelo menos: traz consigo todas as suas ferramentas, que são poucas, e por extremo simples: consistem — n'uma pequena forja, a que estão presas umas argolas de ferro, que se virma sobre o carvão para suster os cadinhos: um canudo de lata, um par de alicates delgados de ferro, um par de tenazes pequenas, um martello, dois pires de barro, e uma bigorna tosca, que consta de uma peça de silex ou pedrneira firmada n'uma moldura de ferro em bruto. Com tão poucos, e tão imperfeitos instrumentos, elle traça e leva a cabo a execução de todas as varias e meliudrosas operações de sua arte.

Depois de ter arranjado a forja, e acceso o carvão, pega do ouro que lhe forneccis, mette-o dentro de um dos receptaculos, e lhe deita uma pequena porção de borax, a fim de e fundir mais promptamente: então colloca sobre a tal forja o cadinho n'uma camada de carvão ateadado, applica a extremidade do canudo de folha por debaixo do pires de barro, que contém o precioso deposito, e soprando pela outra extremidade, levanta directamente ao redor delle uma chamma forte. O ouro, que ordinariamente se emprega nestas occasiões, é o ouro *mohur*, que é o da moeda corrente no paiz, e vale pouco mais ou menos 6:400 reis. Alli ninguem é chamado a juizo por apagar a imagem do rei. Logo que o ouro chega ao estado de fusão, o Sonah Wallah geralmente intenta segurar alguma porção para seus fins particulares, deitando-lhe dentro uma pequena quantidade de acido nitro-muriatico [agua regia]. Causa isto uma immediata effervescencia, pela qual se extravasa uma porção do metal fundido, e fica entre o carvão, donde o manoso ladrão o sepára com seu vagar quando volta para casa. Para supprir a falta, meebe o que está no cadinho com uma verguinha de cobre, parte da qual se derrete, de forma que a massa, pesada depois da fusão, parece ter soffrido pouca ou nenhuma perda. Esta pratica é mui commum, e tão destros são aquelles sujeitos neste genero de velhacaria, que invariavelmente se não desocobre, posto que eu creio rara occasião occorrerá, ou talvez nenhuma, em que elles não defraudem os seus freguezes de uma parte do ouro, que lhes mettem nas mãos.

A sua habilidade é tão admiravel, que pouca gente cuida em contestar-lhes a probidade, porque com martello, bigorna, e tenazes sómente, fabricam lindissimos enfeites, como brincoes, pulseiras, braceletes, anneis, e collares; seus dedos são tão delicados e flexiveis, que suprem uma variedade de instrumentos indispensaveis aos artistas Europeus. Ha, feitos por estes ourives ambulantes, collares de feiço mui complicado, que talvez se não fabricariam na Europa com igual delicadeza. E' verdade que não são muito expeditos; porém este inconveniente fica mais do que pago com o singular primor da mão d'obra.

O Sonah Wallah, no desenho que damos do Capitão Luard, é um Mahometano, circumstancia que raras vezes ocorre, excepto em o norte da India, e é muito provavel que, ainda ahi, sejma dos novos proselytos, que trocaram a creença de Brama pela do Alcorão. Muitas das classes inferiores da provincia de Bengala, desgostadas das severas restricções, que lhes impunham os rigidos preconceitos da casta, abandonaram as esplendidas momices de um polytheismo [culto de muitos deuses] complicado, e intelligivel, pela creença menos barbara, posto que não mais pura, do Arabe embusteiro. Os convertidos naturalmente conservaram os mesmos officios em que foram creados, e por isso damos com o Mahometano, aparentemente assumindo a occupação especial do Indio. No desenho, que precede este artigo, representa-se o Sonah Wallah trabalhando na varanda de uma casa nobre, e as duas mulheres são provavelmente aias ou amas, pertencentes ao estabelecimento domestico, e que se estão entretendo em observar o progresso de seus destros trabalhos.

A' CERCA DA CLASSIFICAÇÃO DOS ANIMAES.

Em quanto prevaleceu na physica a doutrina dos quatro elementos, isto é, em quanto durou a creença de que unicamente entravam quatro principios, a terra, a agua, o ar, e o fogo, na composição de todos os corpos vivos, ou inanimados, os escripto-

res, que tractavam a historia dos animaes, assentavam que o mais arrasoado era repartir todos estes entes em quatro grupos principaes, segundo os elementos, que habitavam: por isso nos livros dessa epocha achamos, em geral, os animaes distribuidos em terrestres, aquaticos, aerios ou volateis, igneos ou habitantes do fogo. Mas quaes eram os entes que compunham a ultima classe? Citavam uma especie unica, a salamandra, que diziam viver no meio das chammas, onde se mechia regalada, como o peixe na agua. Tambem não preencheriam melhor a classe precedente, se quizessem considerar como animaes aerios sómente aquelles, que vivessem constantemente nos ares: poderiam todavia inserir nella as mancodiatas, ou aves do paraizo; porque nesse tempo tendo vindo á Europa aves daquellas só empalhadas, e todas com os pés arrancados, geralmente se cria que o animal vivo os não tivera, e suppunham que voava de continuo, e até affirmavam que tinha o macho no dorso [nas costas] uma concavidade, que servia de ninho, para a femea pôr os ovos e criar os filhos: poderiam tambem metter nella certas andorinhas do mar [sterna hirundo. Lath. (1)] que por semanas inteiras seguem, avoejando, um navio, e parece nunca pousarem. Inda hoje em dia muitos marinheiros acreditam que a femea não faz ninho, que põe no ar, e que apanhando os ovos no vôo traz um debaixo de cada aza, até o momento de sahirem os filhos. Não será preciso dizer que destas duas creenças tanto fundamento tem uma como a outra: a andorinha maritima faz o ninho nos buracos de certos rochedos, no meio dos cachopos, em paragens que os navegantes geralmente evitam; a mancodiata [tambem chamado passaro do sol] aninha em cima de arvores, o que os Europeus não podem ver, porque o caracter feroz dos habitantes das ilhas Molucas lhes não consente entranharem-se pelo interior do paiz.

Não ha animaes aerios propriamente ditos; e se por taes quizessem reputar os que gozam da faculdade de se levantar, e de se sustentar por mais ou menos tempo no ar, não só reuniriam entes essencialmente diferentes uns dos outros, mas até separariam frequentes vezes os que entre si guardão maior semelhança: por exemplo, a femea do perilampo, ou vaga-lume, é desprovida d'azas, e não pôde largar o chão, pelo que ficaria collocada entre os animaes terrestres; porém o macho, sendo organizado para voar, tratariam delle por occasião dos animaes aerios. Como todos os animaes que se erguem aos ares tem de mais a mais os meios de se moverem, quer n'agua, como os peixes avoadores, quer no ar, como todos os outros entes alados, é evidente que conservando tão sómente as duas primeiras divisões, de animaes terrestres, e de aquateis, todas as creaturas viventes achariam logar ou n'uma ou n'outra. Com tudo esta simplificação não faria desaparecer os inconvenientes, que apontámos, e entre especies mui proximas se daria sempre separação: deste modo o caracol das nossas hortas tomaria lugar na primeira divisão, ao passo que seria necessario arrumar na segunda, especies, que lhe semelham tanto no aspecto externo, como na organização interior, mas que passam a vida na agoa, como o caramujo das praias, &c. Ainda mais; ha certas especies, que deveriam pertencer scis mezas a uma

(1) He usual nas obras d'Historia natural pôr o nome scientifico de huma especie depois do nome vulgar ou local. Pelo primeiro a especie he reconhecida em todos os paes, ao passo que a esphera do uso do nome vulgar ou local he mui limitada. Mas como acontece que huma especie tem diversos nomes scientificos, por lhe serem dados por diversos naturalistas, he tambem usual por o nome do naturalista depois da palavra, que elle inventou ou adoptou. Assim Lath. quer dizer, Latham, author de hum systema ornithologico (das aves). Lin. quer dizer Linneo—Cuv.—Cuvier, etc.

divisão, e seis mezes a outra, porque metade do anno habitam nas aguas, e outra metade vivem retiradas no oce das arvores.

Ha muito tempo que os sabios reconheceram a impossibilidade de alcançar uma boa classificação começando a distribuir por este modo os animaes segundo o genero de sua habitação: porém sempre a antiga divisão deixou vestigios na linguagem vulgar, que é uma casta de conservatorio, aonde se depositam successivamente os restos das doutrinas extinctas.

Estas divisões defeituosas determinaram sabios distinctos, que dão honra á humanidade, e de que talvez viremos a ter occasião de fallar, a estabelecer classificações derivadas de caracteres permanentes dos animaes, como das formas externas, da organização interior, &c., creando para esse fim uma linguagem, que para entrar nas profundidades da sciencia cumpre previamente conhecer. Distribuiram todos os Entes por classes, ordens, generos, e especies; e como em nossos numeros teremos de dar a historia de alguns delles, onde estes termos são de uso frequente, passaremos a defini-los por via de exemplo; e não perderemos occasião de explicar os que occorrerem em nossa escripta, com o intuito de familiarisar os menos instruidos com os termos technicos das sciencias, conseguindo assim insensivelmente facilitar a leitura de outras obras, e fixar ideas justas das coisas. Tiraremos os exemplos da classe dos mammaes, ou mammíferos.

Esta palavra "*mammal*," foi formada por Linné do Latin "*mamma*," do mesmo modo que a nossa palavra commum "*animal*," deriva de "*anima*," vida, ou alma; e foi destinada a denotar aquelles animaes, que dão de mammar aos filhos, para os quaes não ha nas linguas conhecidas um nome generico, sufficientemente definido e comprehensivo. A palavra commum Quadrupedes, que exprime aquella idea exacta mais aproximadamente do que outra qualquer, não diz relação ás naturaes affinidades, que observamos entre os animaes, excluindo o homem, e as familias cetaceas [como as baleias], ao mesmo tempo que comprehende os lagartos, tartarugas e outros reptis, que não tem senão uma analogia muito remota com os verdadeiros mammíferos: o que já deu lugar á distincção antiga de quadrupedes viviparos [que dão á luz os filhos vivos] e de quadrupedes oviparos [que poem ovos] como o sapo, &c.

Os termos vernaculos "Bestas—Feras," que frequentemente se usão em contraposição a "Peixes—e Aves," ainda são mais vagos e indeterminados. Entre tanto a palavra "*Mammal*," tão felizmente imaginada pelo grande naturalista Sueco, não está sujeita a estas objecções, antes exprime, de uma maneira distincta e definitiva, as mais prominentes funções e limites naturaes desta classe de animaes.

Os *mammaes*, na linguagem technica da Zoologia [descripção, ou tratado dos animaes], constituem a *Classe*, ou divisão principal do reino animal; e são, a este respeito, coordenados com as Aves, Peixes, Reptis, e Insectos, que formam outras tantas *Classes*. O termo *Ordem* denota uma divisão subordinada, e está na mesma relação para a classe, em que esta o está para todo o reino: porque uma classe se compõe de ordens, da mesma maneira, que um reino se compõe de classes. A subdivisão immediatamente inferior á *Ordem* é o *Genero*, e este mesmo se compõe de *Especies*, os infimos anneis na cadeia da classificação scientifica, e que não admittem ulterior divisão. Uma *Especie* comprehende todos aquelles animaes, que pôde rasoavelmente suppor-se provirem de um tronco original e commum: e neste sentido todos os homens não compoem senão uma unica especie; todos os cavallos outra unica es-

pecie; e da mesma maneira todos os bois, todos os cães, &c. compoem respectivas e adequadas especies. A differença dos climas, a variedade dos alimentos, e outras circumstancias locaes e estranhas, indubitavelmente produzem notaveis alterações na forma, tamanho, e cor dos diversos individuos, posto que das mesmas especies; de que temos abundantes exemplos entre todos os animaes domesticos, e ainda isto em exacta proporção ao gráu de sua domesticidade, e ao cuidado, e attenção, que lhes são prestados da parte do homem. Porém estas variações se estreitam dentro de certos limites prescriptos, e todo o poder e talento do homem debalde se tem esforcado para produzir e perpetuar uma nova raça ou especie de animaes. É verdade que foi bem succedido obtendo o mulo ou macho do ajuntamento de duas especies, cavallo e burro, muito distinctas, posto que a certos respeitoes muito approximadas; porém o mesmo macho é um individuo esteril, que a natureza reputa um monstro, e a quem denegou a facultade de continuar a sua raça.

Um exemplo illustrará melhor o verdadeiro valor dos termos, que procuramos explanar. O cão, a rapoza, o lobo, o chacal, ou adibe, são todos *Especies* de um *Genero* commum; como do mesmo modo o leão, o tigre, a onça, o lince ou lobo-cerval do norte da Europa, e o gato domestico, são *Especies* de outro *Genero*. As primeiras são respectivamente chamadas o genero *Canis*, ou do cão; as segundas o genero *Felis*, ou do gato; e compoem juntamente com as hyenas, gatos d'algalia, doninhas, ursos, texugos, &c. a *Ordem* dos *Carnivoros*, que tem seis dentes incisivos, ou da frente, em cada queixada [*mandibula*], e que se nutrem da carne dos outros animaes. Outra ordem natural dos mammíferos comprehende todos os que [como o rato, o esquilo, o coelho, e o porquinho da India] carecem de dentes caninos, e tem grandes incisivos, que empregam continuamente em roer tudo o que lhes fica a geito; motivo por que são denominados *Rodentia*, ou roedores. Estes, ao menos em o numero dos dentes incisivos, formam o anel intermediario que une os *Carnivoros* com a immediata ordem de *mammaes*, *Edentata* [desdentados], que se distinguem pela falta de dentes, como o Tamandá do Brazil, e são por tanto obrigados a sustentarem-se de vegetaes, ou de insectos, e outras substancias molles, que requerem pouco cortadas e mastigadas. Estas diferentes ordens de "*Carnivoros*," *Rodentia*, *Edentata*, juntamente com os ruminantes [*Ruminantia*, animaes que remoem], como o boi, com os Cetaceos, ou genero das baleias, e com outros menos importantes, que é desnecessario enumerar aqui, compoem a *Classe* chamada dos *mammaes*, ou mammíferos.

ORIGENS DO THEATRO MODERNO—THEATRO PORTUGUEZ ATE AOS FINS DO XVI SEculo.

O paiz onde primeiro appareceu a arte dramatica moderna foi a Inglaterra, se arte dramatica podemos chamar a espectaculos tirados de passos historicos da Biblia, sem invenção ou enredo, e só copiados litteralmente em discursos e acçoens. Estas primeiras tentativas theatraes, a que depois os Francezes e Italianos chamaram *Mysterios*, appareceram na Grãa-Bretanha durante o 11.º seculo. Os monges as compunham e representavam, e ainda no fim do seculo 14.º elles pediam a Ricardo 2.º embargasse os comediantes de exercerem uma profissão que julgavam ser um privilegio seu, porque ordinariamente

o objecto dos dramas se tirava do velho e novo Testamento.

Pelas muitas relações que havia entre a Inglaterra e a França, parece que os *mysterios* inglezes não tardaram em introduzir-se neste ultimo paiz. A *Morte de Santa Catherina*, representada na abbadia de Dunstaple, em mil cento e tantos, foi no seculo seguinte posta de novo em scena no mosteiro de Sancto Albano em França, e é talvez esta a memoria mais antiga que temos da arte dramatica franceza. Depois esta continuou e cresceu, chamando-se ás fargas *prophanas jogos* ou *representações*, e aos dramas sacros *mysterios*.

A Italia começou mais tarde, com este genero de composições barbaras: mas, tendo primeiro que nenhuma outra nação seguido o gosto da litteratura grega e romana, brevemente o tomou tambem no theatro. Os dramas de Mussato compostos no principio do 14.^o seculo, e em latim, são *Ezzelino* e *Achilles*, imitações de Seneca, escriptas com um tão falso estilo como o do dramaturgo romano. Foi no decimo quinto seculo que appareceram em Italia os primeiros dramas vulgares: Lourenço de Medicis publicou a *Representação de S. João e S. Paulo*, e Angelo Policiano deu pouco depois a sua tragedia intitulada *Orpheo*.

Desde o 14.^o seculo apparecem dramas na Alemanha; mas estes nada mais eram do que imitações dos *mysterios* francezes, e escriptos em latim pelos monges. No meado do seculo 15.^o foi que verdadeiramente começou neste paiz o theatro nacional. *Hans-Folz* e *Rosenblut* compozeram diversas fargas, que se representaram em Norimberga e Colmar: estas fargas, obra de homens rudes, são um tecido de grosserias e indecencias apenas dignas de se recitarem diante da plebe mais desfaçada. Depois de 1500 é que appareceu *Hans-Sachs*, a que podemos chamar o Gil Vicente de Allemanha.

Na Hespanha, ou porque os Arabes o introduzissem, ou porque os Hespanhoes o inventassem, ou, em fim, porque muito cedo o imitassem dos Francezes, o drama remonta aos primeiros tempos da Monarchia. Só, na verdade, do principio do 14.^o seculo conhecemos a scena hespanhola; mas restam memorias della muitissimo mais remotas, e, pouco depois de 1200, dizem que appareceram dramas em Valenciano. Do 15.^o seculo ainda existem muitas composições hespanholas neste genero de litteratura.

Essas primeiras tentativas dramaticas eram forçosamente um tecido sem nexos, sem ordem, e ridiculo: so seus auctores se entregavam desenfreadamente a todos os caprichos de uma imaginação fervente, e as produções desse tempo são em geral monstruosas e absurdas. *Rodrigo de Cotta* começou a dar alguma regularidade ao drama na comedia de *Calisto e Melibea*; mas a licença de seus quadros e expressões mancha o merecimento desta peça, que depois foi algum tanto corrigida e acresentada por *Fernando de Roxas*, auctor de outra comedia, *Progne e Philomela*. Apesar de assim emendada a obra de *Cotta* ainda é monstruosa. Uma serie de enredos amorosos e de crimes se encruzam e estendem ahí atravez de vinte e cinco actos. Entretanto a verdade dos costumes e caracteres e a verosimilhança dos episodios lhe deram celebridade; e com o titulo de *Celestina* ella foi muitas vezes reimpressa, traduzida em diversas linguas, e até na latina pelo celebre *Barthius*. A reputação da *Celestina* fez nascer os imitadores; e novas composições, com o mesmo ou diferente titulo, mas que estão longe de ter o merito da original, appareceram brevemente em Hespanha.

Por este tempo floresceram mais outros dois auctores dramaticos, o Marquez de *Villena* e *João de*

la *Enzina*, que foi o principal modelo do nosso Gil Vicente. Os dramas do primeiro foram representados em Saragoça na corte de D. João 2.^o, pelo meado do 15.^o seculo: os do segundo o foram tambem, na corte de Fernando e Isabel, nos fins daquella mesma era.

Resurgiam então as letras gregas e romanas, e a admiração do theatro antigo despertou na Hespanha o genio da tragedia. *Oliva* publicou duas composições tragicas—*Hécuba triste*—e *La venganza de Agamemnon*, as primeiras que neste genero se escreveram na Peninsula. Restrictas e acanhadas imitações dos gregos, ellas se podem considerar como traduções livres da *Hécuba* de *Euripides* e da *Electra* de *Sophocles*.

Em Portugal é provavel começassem as representações scenicas pelo mesmo tempo em que principiaram na Hespanha; mas nenhuns vestigios restam desse theatro primitivo. O que é certo é que já nos fins do seculo de 400 havia em Portugal entremezes. *Garcia de Rezende* na chronica de D. João. 2.^o, narrando as festas que se fizeram em Evora no casamento do principe D. Afonso com a infante D. Isabel de Castella, falla, em varios capitulos, dos *entremezes* e *representações*, que nessa occasião se fizeram, dando a entender, pelo modo porque ácerca delles se exprime, que eram uma coisa bem conhecida e vulgar, e não é impossivel que ainda se depare com algum monumento desse nosso primitivo theatro.

Porém o mais antigo drama que hoje conhecemos é um de Gil Vicente representado em 1502 na corte de D. Manoel, e Gil Vicente é, no estado actual da nossa historia litteraria, considerado como o fundador da scena portugueza, pela mesma razão com que o podemos ter por inventor dos *rimances*, ou *xácaras*, dos quaes os mais antigos que existem são os que elle entresachou pelos seus *Autos*, e o que dedicou á morte de elrei D. Manoel.

Gil Vicente dividiu em quatro livros as suas composições dramaticas, incluindo no primeiro todos os autos a que chamou de *devação*, por versarem em geral sobre objectos biblicos e religiosos; mas estas *obras de devogão* pareciam as menos devotas de todas, se das outras exceptuarmos a comedia de *Rubena* que pertence ao 2.^o livro. Estes *autos* são na essencia o mesmo que os *mysterios* francezes, como elles cheios de indecencias, porém ao mesmo tempo ricos de sal e chistes. O poeta abominava cordealmente o clero, sobre tudo os frades, e não desaproveitou occasião alguma de os presentear com chascos e epigrammas. Os autos das *barcas*, que são como continuação uns dos outros, e formam a *trilogia*, ou drama em tres quadros, mais antiga da Europa, constituem com *Mofina Mendes* e *Rubena* a flor do theatro de Gil Vicente; porque talvez em nenhuma das scenas que os compoem deixa de apparecer em subido gráu o genio da comedia. Este poeta reunia á qualidade de auctor a de actor, e com seus filhos representava os proprios dramas na corte de D. Manoel e de D. João 3.^o Apesar de cortesão, o poeta morreu pobre, em Evora, depois de 1550. As suas obras se imprimiram em Lisboa em 1562, e muito mutiladas em 1583. Uma nova edição completa se publicou ultimamente em Hamburgo em 1833.

Gil Vicente teve um filho do seu mesmo nome, que dizem desterrou para a India, levado pelo ciúme de este o exceder no genio dramatico. Ao moço Gil Vicente se attribue a composição de um Auto intitulado *D. Luiz de los Turcos*.

Pelo meado do seculo dezeseis appareceram em Portugal varios poetas, que mais ou menos seguiram as pisadas do auctor de *Rubena*. Ao infante D. Luiz se attribue o auto de D. Duardos, que anda im-

presso como de Gil Vicente. Antonio Ribeiro Chiodo, tão conhecido na corte de D. João 3.^o e de D. Sebastião, pelos seus gracejos e agudezas, e pela propriedade com que remedava a voz e o gesto de todos, nos deixou dous autos assaz engraçados, o da *Natural Invenção* e o de *Gonçalo Chambão*. Na *Primeira Parte dos Autos e Comedias portuguezas*, publicada em 1587, livro hoje bastante raro, se imprimiram sete Autos de Antonio Prestes, em que se mostra espirito comico não inferior por ventura ao de Gil Vicente, cuja escola Prestes seguiu, bem como Jorge Pinto, auctor de *Rodrigo e Mengo*, e Jeronimo Ribeiro Soares, auctor do *auto do Fisico*, que vem naquella collecção, cuja segunda Parte nunca se deu á estampa.

O nosso Jorge Ferreira de Vasconcellos, auctor dos dois romances da *Tavola Redonda*, floresceu tambem por estes tempos. Tres composições suas nos restam, *Aulegrafia*, *Euphrosina* e *Ulyssipo*, a que elle chamou comedias, e que, realmente, são antes dialogos do que dramas. Nellas teve por alvo Jorge Ferreira reunir os proverbios e anexins da lingua ou a philosophia popular do seu tempo, e por este lado são ellas, na verdade, dignas da maior estimação; mas se as quizermos considerar como dramas, bem pequeno é o seu merito.

No reinado de D. Sebastião, o cego Balthasar Dias, poeta natural da Madeira, publicou um grande numero de autos e outras obras, humildes pelo estilo, mas com toques tão nacionaes, e tão gostosas para o povo, que ainda hoje são lidas por este com avidez. Correi as choupanas nas aldéas, as officinas e as lojas dos artifices nas cidades, e em quasi todas achareis uma ou outra das multiplicadas edições do *Auto de S. Aleixo*, de *S. Catherina* e da *Historia da Imperatriz Porcina*, tudo obras daquelle poeta cego do seculo decimo sexto.

Este era o theatro verdadeiramente nacional até o anno de 1600, em que floresceu Simão Machado, auctor do *Cerco de Dio*, e da *Pastora Affêa*. Muitas composições deste genero se perderam, ou não chegaram á nossa noticia, como os Autos de Antonio Pires Gonge, de Sebastião Pires, e de Antonio Peres, que dizem escrevera mais de cem dramas. O auto do *Fidalgo de Florença*, composto por João de Escobar, no reinado de D. Sebastião, teve nesse tempo grande celebridade, e se imprimiu repetidas vezes; porém delle ainda não encontramos um unico exemplar.

Em quanto assim a escola formada por Gil Vicente progredia, e, em nosso entender, se aperfeiçoava, independente de estranha influencia, poetas de grande nome trabalhavam por introduzir em nossa litteratura as formas do theatro grego e romano. Francisco de Sá de Miranda escreveu duas comedias, intituladas *Vilhalpandos*, e *Os Estrangeiros*, as quaes se imprimiram, depois de sua morte, em 1560 a primeira, e a segunda em 1569. Nestas procurou elle seguir as pisadas de Plauto e Terencio, como o confessa no prologo dos *Estrangeiros*, e com effeito ellas se podem comparar com as dos dous comicos latinos. Antonio Ferreira compoz quasi pelos mesmos tempos as comedias *Bristo* e *Cioso* e a Tragedia *D. Ignez de Castro*, a segunda que appareceu na Europa conforme a todas as regras classicas, sendo a primeira a *Sophonisba* do poeta italiano Trissino; mas a Castro é superior; e nós a temos por um milagre dramatico, attendendo á falta de modelos modernos, e ao seculo em que foi escripta. O illustre Camoens tambem nos deixou, com o titulo de autos, duas comedias, *Os Amphytrioens* e *Pitodemo*, das quaes a primeira é quasi uma traducção de Plauto. Desde esta epocha o theatro classico portuguez foi caindo, e podemos dizer que nunca mais tornou a restaurar-se.

BIOGRAPHIA LITTERARIA.

Dous homens celebres deste nome apparecem em nossa historia litteraria: o primeiro foi o theologo Diogo de Payva d'Andrade, o segundo foi o auctor do poema *Chauléidos*, sobrinho do precedente.

O Dr. Diogo de Payva d'Andrade nasceu em Coimbra em 1528, e falleceu em 1575, de idade de 47 annos. Muito moço foi entregue aos cuidados de Fr. Luiz de Montoya, chamado *veneravel*, que o educou até aos 14 annos, tempo em que passou para o collegio dos Agostinhos de Coimbra, onde estudou as linguas latina e grega, a philosophia e ultimamente a theologia, que naquella epocha era a mais interessante parte do saber humano. Applicando-se á lingua hebraica, pôde, com proveito, entregar-se a uma repetida e meditada leitura da Biblia, e este mesmo estudo transluz nos sermoens que nos deixou, onde muitas vezes mostra algum desvanecimento da sua pericia naquelle idioma. Mandado por elrei D. Sebastião, como theologo seu, ao Concilio de Trento, contando apenas 33 annos de idade, alli se distinguio pela profundeza dos seus conhecimentos, e o encarregaram de apresentar o quadro das opinioens das igrejas protestantes, o que fez com geral approvação, bem que se mostrasse algum tanto diffuso. Era a casa de Payva d'Andrade o logar em que se reuniam, para conferenciar, os prelados e theologos que assistiram áquelle celebre Concilio, e alli se decidiam quasi todas as questoes, que, segundo a observação do P. Sarpi, não vinham ja decididas de Roma.

Havia neste tempo apparecido o cathecismo protestante de Moheim, e a Universidade de Colonia o fizera censurar pelos Jesuitas. Kennitz, theologo lutherano de grande reputação e saber, tractou de defende-lo, e por esta occasião atacou violentamente o instituto jesuitico. Payva d'Andrade tomou então a peito o pugnar a favor da Companhia, e rebater as opinioens do escriptor allemão. Com este intuito, publicou em latim o seu livro *das explicações orthodoxas*, impresso em Colonia em 1564. Repliquou-lhe Kennitz com azedume, e com mais azedume ainda volveu ao combate Diogo de Payva, na obra que intitulou *Defensão da fé tridentina*. Nesta lucta os dous contendores não pouparam nem injurias nem argumentos, armas que quasi sempre se usavam conjunctamente nas questoes litterarias ou scientificas daquelles tempos.

Acabado o Concilio partiu Diogo da Payva para Roma, e dali para Lisboa, onde, segundo o uso de Portugal, foi esquecido e despresado, visto ter da mostra de talento e sciencia não vulgar. Aqui se dedicou ao ministerio do pulpito, que accrescentou á sua reputação europea uma reputação nacional.

Os sermoens de Payva d'Andrade foram publicados depois de sua morte em tres volumes, o 1.^o no anno de 1602, o 2.^o em 1604, e o 3.^o em 1615. O seu estilo é chão e corrente. Nos discursos pronunciados perante a corte, dirigia-os de modo, que sempre reprehendia os vicios e injustiças dos poderosos. A adulação não manchava os seus labios, antes parece que elle se comprazia em affear os crimes dos grandes, e então o estilo do orador se avigorava, e subia acima do tom humilde da homilia, que elle com tanto sizo sabia conservar nos discursos dirigidos sómente ao povo. A moral de Payva d'Andrade é singela e pura; e admira que nos sermoens de um homem costumado ao amargor, de que usou na contenda com Kennitz, não appareça em cada pagina a sanha e intolerancia propria dos theologos controversistas. O amor da divindade e dos homens é ao que elle constantemente exhorta o seu auditorio, e

o terror raramente acha entrada nos seus discursos, sendo talvez esta a razão, porque muito poucas vezes toca as raías do sublime. As suas expressões parecem saídas de um espirito sereno e repousado, e elle não sabia de certo compôr aquelles periodos de energumeno, com que Bossuet produzia notavel abalo nos que o escutavam. Sem isso, com tudo, Payva de Andrade apresentava ás vezes imagens vivissimas, e que revelam o seu grande talento oratorio. Nas palavras que attribue a Deus antes de soltar as aguas do diluvio [Tom. 1. f. 319.] temos um exemplo dellas. Este orador costumava muito introduzir

a forma de dialogo nos seus discursos, e com isto por certo despertaria a attenção dos ouvintes. O seu modo de raciocinar mostra que elle estava muitissimo habituado ás formas de argumentar.

Payva de Andrade foi um dos mais celebres pregadores do decimo sexto seculo; mas, depois de publicados, os seus sermoens não tiveram a voga que mereciam; porque o gosto dos conceitos e trocadilhos de palavras começava a prevalecer; e a sãa eloquencia, como o resto da litteratura, caía no esquecimento, em que a sepultou o falso brilho das extravagancias litterarias do seculo desesete.



DIOGO DE PAYVA DE ANDRADE, THIO.

Sobrinho do precedente escriptor, e filho do Chronista-mor do Reino, Francisco d'Andrade, a quem devemos a excellente chronica de D. João 3.^o, foi Diogo de Payva de Andrade: se menor a seu thio na idade, não inferior no merecimento. Nasceu em 1576, e ignoramos o anno da sua morte. Desde a mocidade deu-se ao estudo da historia e antiguidades patrias, e disto deu provas, publicando o *Exame de Antiguidades* [1616] em que refutou muitos erros do credulo Fr. Bernardo de Brito. Diz-se que este livro fora escripto em desagravo de não se lhe haver dado o cargo de chronista, que tivera seu pai, e de ter sido, para elle, preferido Brito. Fr. Bernardino da Silva, monge cisterciense, procurou desaffrontar o seu confrade: e com effeito ninguém sustentaria melhor a má causa, que elle tentou defender nos dous volumes intitulados *Defensão da Monarchia Lusitana*, impressos em 1620 e 1627. As

reflexões, porém, do *Exame* ficaram, em grande parte, sem resposta, porque realmente nenhuma era possivel dar a muitas das objecções de Diogo de Payva.

O *Casamento Perfeito* é outra obra deste auctor sobre os deveres dos casados, e sobre os meios de conservar a paz domestica. Este livro curioso é pouco lido, como o são em geral os escriptos Moraes; mas elle encerra valiosos documentos de vida civil, e noticias mui variadas. Foi impresso em 1630.

Diogo de Payva publicou pelo mesmo tempo [1628] o seu poema latino intitulado *Chaulcidos*. Menos lida ainda é esta obra, por ser escripta em latim; mas nem por isso o seu merito deixa de ser grande. O objecto do poema é o cerco de Chaul, sendo governador daquella cidade D. Francisco Mascarenhas, e vice-rei da India D. Luiz de Attaíde [1570 — a 71.] Com effeito dignissimo era este cerco de ser can-

tado; por que talvez nelle se não obraram menores gentilezas d'armas do que no cerco de Dio, em tempo de D. João Mascarenhas. O *Chauleidos* contém doze cantos, e é o poeta romano *Estacio*, que Payva d'Andrade tomou por principal modelo. Não faltam neste poema defeitos, como por exemplo a mistura da mythologia, da allegoria, e do christianismo no maravilhoso: porém compensa essas maculas com o appropriado de varios episodios, e sobre tudo com a harmonia da metrificacão, e com o limado do estilo.

Deixou Payva d'Andrade varias obras manuscritas, que nunca se imprimiram, á excepção de uma carta em latim dirigida a João Rodriguez de Sá, a qual vem juncta á *Defensa de Camoens* de João Soares de Brito.

Concluiremos em outro artigo a biographia desta illustre familia, dando noticia do chronista Francisco de Andrade, e de seu irmão o virtuoso e eloquente Fr. Thomé de Jesus.

ARTES.

Utilidade do sal commun na agricultura. — O sal quando se espalha pela terra em justa proporção dá novo vigor ás plantas leguminosas, e as faz crescer em menos tempo, sem lhes alterar o gosto. Tambem se pode empregar como meio efficaz de destruir os insectos dos jardins.

Utilidade da urtiga. — A maior parte dos agricultores julgam a urtiga uma planta nociva, e principalmente os jardineiros lhe fazem tão despiada guerra, que ella se ha refugiado nos sitios ermos, nos terrenos estereis, ou á sombra das sebes. Todavia o seu talo fibroso pode dar fios proprios para tecidos, propriedade que os Hollandezes primeiro que ninguem aproveitaram com grande vantagem. Das folhas da urtiga, quando é tenra, faz-se um guisado saboroso; os troquilhas misturam as sementes desta herba nas rações dos cavallos, para lhes dar vivacidade, e fazer o pelo lúidido; das suas raizes, fervidas com uma pequena porção de pedra hume, e de sal commun se extrahê uma linda côr amarella; de sorte que todas as partes desta planta podem ser empregadas na agricultura ou nas artes. Como forragem é para os animaes cornigeros um alimento sadio, e certo, por ser temporã e facil de cultivar, pois vegeta no mais arido terreno, e longe de exigir amanhós, soffre todas as intemperies, e reproduz-se sem carecer d'alheios soccorros. Póde ser ceifada cinco ou seis vezes no verão, e quando na primavera se não encontra pasto algum para os gados, já a despresada urtiga está crescendo com toda a força. Corta-se em quanto é tenra, quando se quer dar verde, e conserva-se mais tempo na terra quando se pertende empregar como forragem, pois que do contrario o gado não comeria com gosto os seus talos mais grossos.

Uso da grama para curar as cavalgadas. — O coronel Janin, proprietario em Faye-la-Vineuse, dá aos porcos a planta de grama, e parece tirar disso algumas vantagens; porém o chefe veterinario diz ter curado, e feito engordar cavallos caçados e esfalfados, dando-lhes todos os dias um ou dois feixes de grama, do pezo de dez para doze arrateis, misturados com cenouras. Eis ahí convertida em util medicamento, uma planta que pelo muito que propagava, e pelo seu aferro ao terreno, fazia deseseparar os jardineiros.

Verniz para uso dos encadernadores. — O melhor verniz que se conhece para as capas dos livros, é o que foi inventado pelo celebre *Tingry*, porque á vantagem de um grande brilho reune a de enchugar promptamente, e de poder ser applicado sobre o marroquim, sobre a carneira ou papel amarroquinados, e até sobre a seda.

Para o fazer, deitam-se em um matraz de gargalo curto, que possa pelo menos conter tres canadas d'agua:

- ” 6 onças de gomma almecega em lagrimas,
- ” 3 onças de sandaraca, ou gomma graxa, em pó fino.

Antes de introduzir estas drogas no matraz, misturam-se com quatro onças de vidro branco, grosseiramente pisado, de que se deve ter separado a porção mais fina por meio de uma peneira de erinas cruzadas. Junta-se-lhe 32 onças de alcool puro [espírito de vinho rectificado, de 36 a 40 grãos do areometro [peza-licores] de Baumé.] Assenta-se o matraz em uma rodilha de palha dentro de um vaso chato cheio de agua, e expõe-se tudo isto ao calor. Conserva-se a ebulição [fervura] da agua por espaço de duas horas pouco mais ou menos.

O primeiro effeito do calor é o incorporar as drogas em massa, o que se evita mechendo-as á roda, e sem dar abalos ao matraz, com uma varinha de madeira branca arredondada na ponta, e mais comprida que a altura do matraz. Quando os ingredientes parecem estar bem derretidos, juntam-se-lhes tres onças de therebentina, que deve estar de parte em uma garrafa, e que se torna liquida, mettendo-a por um momento em banho-maria. Conserva-se mais meia hora o matraz dentro d'agua, tira-se finalmente, e continua-se a mecher o verniz até ter esfriado um pouco. No dia seguinte trasfega-se, e coa-se por algodão: por este meio elle adquire a maior transparencia.

A addição do vidro poderá parecer desnecessaria, com tudo a experiencia prova a sua utilidade: em primeiro logar ella separa as partes da mistura, tanto antes como depois de irem ao fogo; em segundo logar obsta a dois inconvenientes, que fazem deseseparar os compositores de vernizes, já porque dividindo os ingredientes facilita e augmenta a acção do alcool; já porque sendo o pezo do vidro maior do que o das resinas, não permite que estas se peguem ao fundo do matraz, o que faz que o verniz não fique perfectamente claro.

Dá-se este verniz com um pincel de pello de texugo, primeiramente no lombo do livro, evitando o da-lo nos logares que não devem ter lustro. Em o verniz estando secco, pule-se com uma boneca de pano fino branco, cheia de algodão em rama, e untada por fóra com azeite doce: ao principio esfrega-se levemente, porém á medida que o verniz vai enchugando, e aquecendo, esfrega-se com mais força; o azeite faz correr a boneca, e o verniz adquire lustro.

Envernizam-se com esta composição as capas dos livros que não podem ser pulidas a ferro; todavia nada obsta a que ella se applique a todos os que já foram pulidos com o ferro, quando se julgar que não estão bem lustrosos. Neste caso é necessario que o livro esteja prompto de todo, perfectamente secco, e que não tenha a menor humidade; pois do contrario não pegaria o verniz, ou não se conseguiria puli-lo.

Este verniz tem tambem a propriedade de perservar as capas das nodoas que podem causar-lhes as gotas de agua ou de azeite, que por desmazelo se lhes deixassem cair em cima.

LISBOA:

NA IMPRENSA NACIONAL.